

1987

Instituto de arte contemporânea

GARLI MOORE  
PORTELLA



De 29/09 a 17/10 de 1987.  
VERNISSAGE DIA 29/09 ÀS 21:00 H.

*Klee*  
galeria de arte

Av. Ataulfo de Paiva, 135 - loja 210  
Tel.: 259-2394

Agradecimentos:  
João Bosco (Fotos); Cristina Portella, Marcus Lima e Studio Bauhaus (Arte);  
Letra (Fotocomposição); Quimigráfica (Fotolito) e Cromoset (Impressão).

## CARLI MOORE PORTELLA

1970 — Museu de Arte Moderna, RJ — Curso de Artes Visuais (desenho, gravura em metal, escultura, pintura, linguagem e criação, integração) com os professores: Ivan Serpa, Lygia Pape, Anna Bella Geiger, Sergio Campos Mello, Pedro Correia de Araujo, Cildo Meireles, Maurício Salgueiro);

1971/72 — Curso de Análise Crítica de Arte com Ivan Serpa; e na Escola Nacional de Belas Artes (Museu Nacional), curso "Museu, Comunicação, Educação, Criatividade";

1974 — "Os Caminhos da Criação Atual" com Frederico Moraes — Secretaria de Cultura;

1974/79 — Museu de Arte Moderna, RJ: Seminário da BAUHAUS; Ciclo de Palestras sobre Artes Plásticas, Arquitetura, Cinema, Música, Publicidade, Teatro, Arte Televisiva, com os professores: Almir Mavignier, Maurício Roberto, Arthur da Távola, Roberto Pontual e outros; Conferências e Mesas Redondas sobre o Centenário de Carl Gustav Jung — Nise da Silveira e outros; Curso de Literatura Brasileira — Sergio Santana;

1979 — Museu de Imagens do Inconsciente — Curso de Teoria e Prática da Terapêutica Ocupacional — com Nise da Silveira, e, na Divisão de Saúde Mental, Ciclo de Palestras sobre Temas de Psiquiatria Infantil;

1981 — Secretaria Municipal — "Arte no Espaço Urbano" com Frederico Moraes, Vicente Persia e outros;

1974 — Expõe no XXIII Salão Nacional de Artes Plásticas e no VI Salão Nacional de Arte de B. Horizonte;

1975 — Participação na "Primeira Fusão de Arte" no Centro Cultural Paschoal Carlos Magno: citação no Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos, MEC;

1977 — I e II Mostra de Artes Plásticas E-11º DEC-STAC;

1978 — I Salão Nacional de Artes Plásticas;

1979 — II Salão Nacional de Artes Plásticas;

1980 — Participação no Projeto "Arte em Aberto" como artista e, em 1981, como professora. Coletiva no Centro Cultural Leon Denis;

1981 — IV Salão Nacional de Artes Plásticas;

1982 — Coletiva "Giz, Conteúdo e Forma", na Galeria AM — Niemeyer — Rio, Belo Horizonte, Salvador e Brasília;

1984 — Individual no Parque Lage e inaugura o 1º Out-Door exclusivo para artistas.

1985 — Coletiva "Velha Mania — 130 Artistas Brasileiros" — Escola de Artes Visuais do Parque Lage; Individual no Morro da Urca, Ambiental — "O Brilho das Noites no Noites", e coletiva no projeto "Viva o Rio";

1986/7 — Instalação-Exposição coletiva "Território Ocupado" — Escola de Artes Visuais do Parque Lage; Coletiva Planetário da Gávea;

1974/87 — Como Professora de Artes Plásticas vem ministrando Cursos para Crianças e Adultos: Curso de Preparação e Atualização para Professores e Coordenadores de Artes (Museu de Arte Moderna, Colégio Pedro II, Festival de Inverno de Ouro Preto, Atelier Ivan Serpa). No Programa de Arte do Município coordena os monitores do Programa de Férias e faz várias palestras e debates (Instituto de Educação, PUC-RJ, Pinacoteca do Estado de São Paulo — com depoimento para arquivo sobre Ivan Serpa). Tem participação como júri no Concurso de Desenho do projeto "Fazendo Arte" da TV Globo, no Concurso da Swiss Air Transport Co., do depto. de promoções do Rio Sul e no Concurso de Logotipos para ANFIP.

## BALÕES E QUINTAIS

Abro as janelas: chove. Aviões, foguetes, naves espaciais, lasers, preto e prata, destruição. As pessoas caminham apressadas, os olhares não se cruzam mais, os letreiros luminosos prometem novos produtos, novos prazeres, novas felicidades. Todos os passos parecem querer rebelar-se: nós não formamos um caminho, uma vontade, uma idéia. Cada qual alimenta a sua própria vontade, a sua consciência de vida, o seu desejo de morte. E a urbanidade característica desse final de século é o cenário perfeito dessa tragédia, palco dessa solidão.

A arte é um fantasma aprisionado. A platéia reclama o novo, o gesto, a dança. A subjetividade e a emoção são os analgésicos de uma melancolia que não responde aos verdadeiros anseios de um público consumidor à beira da desesperança. E esse público exige o amanhã, já, porque talvez o amanhã não exista mais. Nessa angústia, nessa ânsia, a arte caça os seus andróides.

Carli Portella faz parte de uma pequena legião de produtores culturais que ainda mantêm o otimismo e, por que não?, a fé na vida humana sobre a terra. Ela desenha e pinta anacrônicos balões, e céus azuis, e delicados grafismos, e inteligentes estruturas de cor. E não será esse comportamento a única possibilidade, hoje, de se recuperar a subversão, o caminho para se descobrir um novo campo, um novo espaço de atuação da arte, através da consciência histórica, da valorização da noção de projeto, da equilibrada relação entre a razão e a liberdade? A artista vai buscar suas fontes na abstração clássica de Kandinsky e no simbolismo gráfico de Paul Klee. Os seus trabalhos, de pequeno formato e grande envolvimento procuram, através da suavidade das cores e da inteligência da construção de suas imagens, alimentar a crença de que a arte ainda é possível e que ela ainda pode desempenhar um papel importante na elaboração de um projeto calcado nas experiências da modernidade. Diante de toda essa tragédia contemporânea, Carli Portella vai recuperar a paisagem, o repertório lúdico e infantil, as reminiscências de tempos passados, a simplicidade popular, as fontes da produção cultural brasileira e suas relações diretas com aquilo que se convencionou chamar de "geometria sensível". O seu vocabulário é um diálogo permanente com Volpi, Ione Saldanha, Aluísio Carvão. As suas obras, absolutamente comprometidas com a tradição modernista, ainda encontram espaço para sugerir que, apesar de tudo, ainda existem dias ensolarados, quintais, festas, papagaios, serpentinas, carnavais. E que essa poesia tem toda a razão de ser nesses conturbados períodos em que vivemos. Diante da decadência, da iminência do caos, a artista sugere a ordem e a lírica.

Anonimamente moderna, precisa na construção de suas imagens, sensível na ordem, discreta em seu ofício, Carli Portella faz de sua produção um estado de ser permanentemente empenhado na construção de uma nova ordem, com os olhos voltados para o futuro, da mesma forma em que entre os seus alunos, suas crianças e seus amigos, ela vai descobrindo cotidianamente a beleza e os mistérios das linhas e das cores que o mundo possui e que, hoje e sempre, caberá ao artista revelar.

Marcus de Lontra Costa  
Rio/agosto/87

instituto de arte contemporânea

IMPRESSO